D. ANTONIO FILIPPE CAMARÃO

(Ext. da Rev. do Instituto Historico e Geographico Brasileiro)

Crê-se que nas vertentes da serra Hibyapaba, proximo ao sitio onde hoje ergue-se Villa-Viçosa, na importantissima provincia do Ceará, vira a luz do dia no começo do seculo XVII o valente moçarara, cuja vida ora esboçamos.

Pertencia á corajosa tribu dos *Carijós,* que, chamada ao conhecimento da verdadeira religião pelos incansaveis esforços dos jesuitas, tão poderoso auxilio prestára a civilisação européa.

O appellido de *Poty* (1) recebeu elle em sua taba, o nome Antonio na pia baptismal, addicionando-lhe mais tarde o de Filippe, em gratidão ao monarcha castelhano pelas honras, que lhe concedêra.

Ignoramos quaes foram as primeiras façanhas do illustre guerreiro, que nos bronzes da brasilica historia gravou seu nome; pensamos, porém, que activa devêra ser a sua juventude, e que em marciaes exercicios adestrára suas forças para futuras e gloriosas emprezas.

Contrahindo matrimonio com D. Clara, a Camilla brasiliense, cuja brilhante historia traçou um nosso erudito collega, ligaram-se essas duas existencias, como dois galhos de gigantesco jequitibá, que altivo em nossas virgens florestas campêa.

---

(1) Que quer dizer camarão.

Limitada era a scena do Ceará para os grandes brios do bravo Camarão, que anhelava por achar occasiões em que puzesse á prova o seu raro denodo. O suspirado ensejo não se fez esperar.

Corria o anno de 1630, quando a opulenta capitania de Pernambuco foi acommettida pelas armas da Hollanda: a inercia de D. Filippe IV e a cavillosa politica do conde-duque de Olivares quasi inerme deixaram Mathias de Albuquerque, quando no ceruleo horizonte branquearam as 67 velas do almirante Loncq. A precipitada fuga das indisciplinadas tropas pernambucanas no Rio-Doce, a tomada de Olinda, a despeito da corajosa defesa de Salvador de Azevedo, levaram o general portuguez a incendiar o Recife (que n'essa época apenas 150 casas contava) para não cahir com suas riquezas em poder do inimigo, concentrando suas exiguas forças a uma legua de Olinda, n'esse famoso arraial, que recebeu o nome de Forte Real de Bom-Jesus.

Por cruel experiencia, reconhecendo Mathias de Albuquerque a absoluta impossibilidade de com vantagem lutar contra os invasores, lançou mão do expediente que aos fracos occorre, e organisou guerrilhas que aos hollandezes molestassem.

Para remir o opprobrio do Páo Amarello e do Rio Doce, correram os moradores a alistarem-se nas companhias de emboscadas, como então se chamavam, e livres, percorrendo os arredores das fortificações inimigas, condemnavam-n'as á penuria, interceptando-lhes as primeiras e indispensaveis provisões.

Veloz chegou ao Ceará a nova da invasão hollandeza e do estrategico proposito, formado por Albuquerque, de exhaurir as forças contrarias, sujeitando-as a frequentes e gloriosos combates. Martim Soares Moreno ahi commandava por delegação de D. Diogo de Menezes, 9.º governador geral do Estado do Brasil, que, convertendo em prol da patria as sympatias que dos naturaes soubera grangear, convidou-os a voarem em soccorro de Pernambuco. Frustraneo não foi o seu appello; e echoou pelos valles e quebradas o rouco

som da inubia, cingiram os *Carijós* os rins das suas induapes, armaram-se com seus tacapes, e brandindo os arcos despediram jubilosos a certeira setta, que em seu aereo ninho traspassava a metallica araponga.

Capitaneados pelo bravo *Poty*, encaminham-se os selvagens para as ribas do Beberibe, e annunciando a Mathias de Albuquerque suas ruidosas acclamações a chegada de opportuno e inesperado soccorro (2).

Por largo tempo equilibram-se as forças: de um lado a pericia, e do outro a astucia; de uma parte a sêde das riquezas e do mando, da outra a abnegação e o amor da patria. Quem sabe mesmo para que parcialidade penderia a balança da victoria sem a negra traição de Calabar, que, amestrando os hollandezes nos ardis de seus compatriotas, entregou-lhes indefeso o Rio-Formoso, deu-lhes a chave de Itamaracá, arrancadas das honradas mãos de Salvador Pinheiro.

Alimentada por esses faceis triumphos, crescia a audacia dos invasores, e aconselhados pelo perfido mameluco (3) abalançaram-se a aggredir os pernambucanos em seu proprio campo. Advertido Mathias de Albuquerque de semelhante intento, chamou a conselho o intrepido Camarão, e tomando o seu avisado parecer confiou-lhe honroso posto n'um sitio sobranceiro ao rio Guardez, de onde, por meio de sentinellas destacadas, pudesse observar a navegação do rio. Eram 2 horas da madrugada do dia 18 de Agosto do anno de 1633 quando presentiram as sentinellas *Carijós* o soturno ruido, que a taes deshoras faziam nas mansas aguas do Guardez 5 lanchas, que de voga arrancada dirigiam-se ao acampamento do Bom-Jesus. Ao alarma sobreveio

---

(2) Segundo o testemunho de Duarte Coelho de Albuquerque (*Mem. diarias da guerra entre o Brasil e a Hollanda*), foi Filippe Camarão levado ao arraial do *Bom-Jesus* pelo jesuita padre Manoel de Moraes, que parece ter sido o seu catechista.

(3) Abraçamos a opinião dos que sustentam que Domingos Fernandes Calabar pertencia á raça mixta portugueza e indigena, conhecida pela denominação de mameluca.

Camarão, que de emboscada se achava, e, reunindo-se ao esquadrão que de Pernam-merim viéra, cahiu sobre os hollandezes, pondo-os em completo desbarato e obrigando-os a largarem vergonhosamente o campo. E' esta a primeira façanha do destemido morubixaba de que fazem menção os chronistas, e que grande reputação valeu-lhe.

As atrocidades pelo inimigo commettidas em Ipojuca, cabo de Santo Agostinho, Moribeca, Gorjaú, Maciape e S. Lourenço exasperaram a tal modo o conde de Bagnuolo, que n'esse tempo commandava o exercito pernambucano, que abdicou a defensiva em que se achava em Porto-Calvo, ordenando a Camarão que com seus guerreiros fosse á Goyana tomar do hollandez ampla vingança. Como o raio, cahiu o chefe brasilico sôbre seus contrarios, levou tudo a ferro e fogo, arrasou reductos e fez basta colheita de despojos. Em vão buscou embargar-lhe os passos Artichofsky, que destroçado retirou-se fremente de raiva por vêr-se humilhado por um indiano, a quem pensava ir dar antes uma lição do que offerecer uma batalha, como se exprime o chronista Fr. J. de Santa Thereza (4).

Pensou, porém, o audaz *Carijó* na conveniencia de resguardar os moradores de Goyana das represalias que d'elles não tardariam em tirar os hollandezes, e reunindo 1.600 pessoas escoltou-as por espaço de 40 leguas através de impervias veredas, até á praça em que Bagnuolo as aguardava. Foi esta a segunda peregrinação dos pernambucanos foragidos da patria, curtindo os amargores da fome e da sêde, expostos ás garras dos tigres e ao venenoso dente das cobras. A entrada do novo Josué em Porto-Calvo foi com as mais freneticas acclamações saudada, e ninguem houve que deixasse de n'elle reconhecer um miraculoso agente da Providencia na hora tremenda do exilio.

Porto-Calvo, tão celebre nos annaes brasilios, como Dio nos fastos lusitanos, contemplou ao redor dos seus

(4) *Istoria delle guerra del Brasile*, part. I, liv. VI.

derrocados muros a intrepidez de Camarão e de sua invicta consorte, quando, arrastado pela obediencia, levou seus bravos soldados ao estolido combate, que contra as aguerridas tropas de Artichofsky empenhára D. Luiz de Roxas y Borgia. N'esse Alcacer-Kibir da nossa historia salvou Camarão os restos do destroçado exercito, quando inuteis se tornaram os prodigios de valor e de constancia.

Pertenceu elle ao numero dos corajosos cabos que presidiram essa bella retirada para o Sergipe, comparada pelos nossos historiadores á de Xenophonte, e, tendo n'uma mão a espada para repellir as hostes de Nassau, sobraçava com a outra o escudo, a cuja sombra tranquillos dormiam os imbelles colonos.

Sobre a memoria do invicto chefe cearense faz pairar o grave historiador Barleo uma nuvem de traição quando affirma que endereçára elle uma carta ao governador do Brasil hollandez offerecendo-lhe para passar ao seu serviço, renegando d'est'arte toda a sua passada gloria (5). Faltam-nos dados para contestar tal asserto; podemos, porém, explicar o dubio passo do nosso heróe pelas desintelligencias que então lavraram entre elle e o conde de Bagnuolo, que commandava o exercito brasiliano, acampado no lugar denominado Torre de Garcia d'Avila. Minguadas eram as luzes de Camarão para superar o impulso das más paixões, para tornar-se sobranceiro ao resentimento, trilhando diversa vereda da dos Alcibiades e Coriolanos.

Corramos o véo da amnistia sobre este doloroso quadro para assistirmos á rehabilitação do destemido caudilho, a quem a côrte de Madrid galardoára com o habito de Christo e o tratamento de Dom: vejamol-o mostrar-se digno d'estas distincções, denodado batalhando contra os hollandezes, que ao mando do conde de Nassau investiram a cidade do Salvador da Bahia no mez de Abril de 1638. As anteriores injurias esquecendo, rivalisou Camarão em dedicação e bravura com Vidal,

(5) *Res Gesta comite Mauritio in Brasilia*: pag. 164.

Rebello e Dias, sob o commando d'esse mesmo Ragnuolo, cuja prudencia e talentos militares era elle agora o primeiro em reconhecer.

Depois da mallograda expedição da Bahia, foi Camarão um dos que primeiro organisaram essas terriveis guerrilhas que levavam a devastação e a morte ao territorio pelos hollandezes occupado: foi ainda dos que mais auxiliaram a dobrez de Telles da Silva, que latente guerra promovia sob as apparencias da paz. Por sua ordem passou elle a Sergipe, preservando-o das correrias que ahi faziam as partidas inimigas em cata de provisões e abastecimentos. Acampava junto a S. Christovão, n'essa época séde da capitania, quando recebeu de João Fernandes Vieira uma affectuosa carta convidando-o para aggregar-se aos que com elle haviam proclamado a restauração de Pernambuco.

Tardo não foi Camarão em ouvir o clamor da patria que pelo orgão de Vieira se manifestava; deu-se pressa em transpor com o seu terço o Rio de S. Francisco, e a marchas forçadas encaminhou-se para o acampamento das Covas, em que estacionavam os sublevados. Difficuldades porém insuperaveis obstaram-lhe de assistir ao combate das Tabócas em que se baptizaram as espadas que devêram mais tarde flammejar ao sol dos Guararapes.

Encheriamos volumes se quizessemos historiar todos os recontros em que o intrepido caudilho se avantajára: sobre-nos dizer que não houve uma só acção em que se pleiteasse a causa da liberdade, em que não sentissem os batavos o peso de seu braço; empallidecendo ao ouvir seu nome aquelles mesmos que nas aguas de Zuiderzée haviam submergido os brazões de Castella. Diga-o Cunhaú, onde, capitaneando 350 indios e 250 portuguezes, pôz em completa debandada os inimigos, arrazando as trincheiras que com tanto afan haviam construido e juncado o campo de mortos e feridos: digam-o finalmente os montes Guararapes, essas Termo-

pylas pernambucanas, que a 19 de Abril de 1648 contemplaram o denodo com que, pelejando na ala direita do exercito libertador fez fugir diante dos seus *Carijós* os aguerridos soldados de Sigismundo, tecendo com suas heroicas mãos a grinalda da victoria n'esse dia depositada no altar da patria.

Como o heróe thebano, pouco sobreviveu o governador dos indios a esta gloriosa facção, succumbindo a uma molestia que esqueceram os chronistas de diagnosticar. Envolto no sudario da sua fama, foi depositado o seu corpo na capella do novo arraial do Bom-Jesus, conduzido o feretro pelos leaes e valorosos companheiros de seus heroicos feitos, banhados nas lagrimas da sincera saudade.

Foi D. Antonio Filippe Camarão dotado de grandes prendas: impavido nos combates, generoso depois da victoria, e estoico soffredor da adversidade. Religioso sem fanatismo, bravo sem crueldade e severo sem dureza. Sabia ler e escrever correctamente, asseverando mesmo Fr. Manoel Calado (6) que estranho não lhe fôra o idioma de Cicero e Virgilio. De poucas fallas, preferia exprimir-se em seu patrio idioma, recorrendo habitualmente a um interprete.

Um unico pezar devêra acompanhar ao tumulo o egregio chefe dos *Carijós*, e era o de não saudar a aurora da redempção da patria, o de não assistir á expulsão d'esses audaciosos forasteiros, que plantado haviam suas leis e falsa crença na livre terra dos *Tupys*.

J. C. Fernandes Pinheiro.

(6) *Valeroso Lucideno*: pag. 165.